

Poliempreende, um património e legado do Instituto Politécnico de Castelo Branco

Domingos Santos e Nuno Caseiro
Docentes do IPCB

43

A promoção do empreendedorismo penetrou as agendas políticas ao diversos níveis, desde o europeu, onde a Comissão Europeia, fez dele um dos principais vectores de reforço da competitividade, até ao nacional e local, onde se vêm afirmando, cada vez mais, políticas que visam premiar a iniciativa empresarial, a inovação e a criação de riqueza. Não existe debate onde não seja aventado quase como panaceia para resolver os problemas estruturais de desenvolvimento, os agentes empresariais usam-no profusamente e os políticos parecem adoptá-lo como emblema dos seus discursos e dos seus programas eleitorais.

O interesse pelo empreendedorismo tem conhecido uma verdadeira explosão nos últimos anos. A sua importância no campo da dinamização socioeconómica e da criação de novas fileiras de actividades tornou-se inquestionável. Em praticamente

todas as economias desenvolvidas se verifica que as novas empresas e as PME's têm uma contribuição líquida positiva sobre o emprego, enquanto as grandes empresas o vêm destruindo. De um modo geral, é a um pequeno grupo de novas empresas de forte crescimento que está associado o grosso da criação de emprego, o que sublinha o papel determinante que o empreendedorismo deve merecer por parte dos poderes públicos. Parece existir, efectivamente, uma correlação positiva entre o empreendedorismo e o crescimento económico.

O crescimento sustentável baseado na inovação e na qualidade depende de um número cada vez maior de start-ups que apresentam um potencial de criação de mais e melhores empregos. O caminho a percorrer é conhecido – passa pela transformação de conhecimento,

tecnologia e inovação em valor económico, emprego e crescimento. Só assim se conseguirá reestruturar competitivamente o tecido empresarial e criar emprego de elevados patamares de qualificação.

Em Portugal, existe um manifesto défice de cultura empreendedora, o que não é de admirar face a todo o nosso percurso histórico. O que é um facto é que a matriz comportamental da população portuguesa é avessa ao risco, à aposta na inovação e à partilha de uma cultura de dinâmica positiva. Não admira, por tudo isso, que se venham, neste campo, multiplicando os actores e as estruturas de apoio. O léxico

o Poliemprende tornou-se um bom exemplo nacional do que pode ser feito através de um trabalho em rede, cooperativo e organizado. Por outro lado, permitiu a concentração de esforços em torno de uma marca, evitando dispersar energias por um conjunto de iniciativas semelhantes mas desgarradas e de menor dimensão.

e a profusão de neologismos na área do empreendedorismo são, aliás, reflexos da enorme diversidade de agentes que intervêm ao longo dessa cadeia: parques de ciência e tecnologia, tecnopólos, incubadoras, ninhos de empresas, capital semente, capital de risco, business angels, etc. Muitas instituições de ensino superior têm vindo, aliás, a manifestar uma crescente preocupação com esta matéria, lançando concursos e oferecendo cursos específicos sobre empreendedorismo, numa tentativa de abrir novos caminhos de afirmação profissional aos seus diplomados.

O Instituto Politécnico de Castelo Branco assumiu, desde cedo, este enorme desafio, tendo sido, aliás, pioneiro no lançamento de uma iniciativa que tem vindo a marcar positivamente a paisagem do empreendedorismo de génese académica em Portugal e, cujo objectivo primeiro se centrou no estímulo de uma atitude pró-activa em inovação e no despertar do espírito empreendedor entre a comunidade discente e docente. Com a sua primeira edição, em 2003, o Poliemprende – Concurso de Empreendedorismo de Base Politécnica - iniciou um interessante trajecto de crescimento e consolidação que neste momento abarca a totalidade dos Institutos Politécnicos do país.

Após as suas duas primeiras edições, desenvolvidas exclusivamente no IPCB, foi feita uma edição piloto em parceria com o Politécnico da Guarda e, no ano seguinte, com 5 politécnicos do interior, nomeadamente: Beja, Bragança, Guarda, Portalegre e Tomar. Na 5ª edição a iniciativa ganhou uma dimensão assinalável, uma vez que se convidaram todos os Politécnicos do país a implementarem a iniciativa na sua academia, promovendo-se um concurso de empreendedorismo de âmbito nacional. O sucesso da iniciativa foi reconhecido e sob a égide Poliemprende (marca, aliás, registada em nome do IPCB) surgiram mais duas edições cuja coordenação tem sido alternada entre os parceiros. O futuro próximo parece poder passar já por um processo de internacionalização, através da participação dos PALOP.

Neste percurso merecem ser salientados alguns aspectos que nos parecem importantes e passíveis de replicação noutros contextos. Por um lado, a procura de parcerias com entidades que à primeira vista podemos encarar como concorrentes. Esta postura, para além de ter possibilitado uma aprendizagem mais rápida, pois permitiu

carrear para a iniciativa um maior número de experiências e conhecimentos, deu-lhe também uma dimensão mediática que o tornou apetecível para entidades patrocinadoras. Nesse sentido, o Poliempreende tornou-se um bom exemplo nacional do que pode ser feito através de um trabalho em rede, cooperativo e organizado. Por outro lado, permitiu a concentração de esforços em torno de uma marca, evitando dispersar energias por um conjunto de iniciativas semelhantes mas desgarradas e de menor dimensão. Por fim, este projecto foi desenvolvido com total respeito pelas especificidades locais e regionais de cada participante, permitindo a organização da iniciativa da forma mais conveniente e ajustada a cada uma dessas situações. O Poliempreende envolve, actualmente, 16 politécnicos, 300 escolas, 7.000 docentes e mais de 100.000 alunos. De salientar ainda que, através deste concurso, surgiram já 22 empresas (havendo outras 36 em fase de criação), tendo-se registado 10 patentes.

A par desta iniciativa, é de salientar o esforço recente, no IPCB, de introdução de unidades curriculares e de módulos de Empreendedorismo nos planos de estudo dos cursos ministrados. Esta é uma aposta clara no conhecimento deste tema mas também no fomento de atitudes diferentes nos nossos alunos. Há um ponto que nos parece igualmente claro. A mudança não pode ser única e exclusivamente uma mudança no sentido do empreendedorismo dos alunos, das pessoas, mas tem de ser das próprias organizações, da própria instituição. Portanto, dificilmente teremos efectivamente jovens empreendedores enquanto não tivermos escolas e instituições de ensino superior empreendedoras, enquanto não tivermos docentes (não serão todos, mas um número significativo)

com características empreendedoras e em que haja uma maior aproximação entre aquilo que é o mundo académico e o mercado, com o que tudo isso implica. Esta mudança é possível, a introdução desta nova agenda no meio académico, ajuda a centrar o discurso e a atenção da instituição, levando a que os intervenientes se apercebam desses novos desafios, se questionem e, gradualmente, alterem as suas rotinas e comportamentos. Por outro lado, com as recentes alterações legislativas de enquadramento da carreira

O Poliempreende envolve, actualmente, 16 politécnicos, 300 escolas, 7.000 docentes e mais de 100.000 alunos. De salientar ainda que, através deste concurso, surgiram já 22 empresas (havendo outras 36 em fase de criação), tendo-se registado 10 patentes.

docente é expectável uma mudança de atitude dos professores ao procurarem novas formas de valorizarem a sua actividade e a sua investigação. Por fim, os alunos ao trabalharem os seus projectos acabam, também, por procurar a ajuda de docentes, levando-os, não raramente, a envolver-se nessas iniciativas. É muito importante que os jovens também se apercebam, atempadamente, de que a sua carreira profissional tem de estar muito mais dependente destas características do que, simplesmente, do facto de terem um diploma, o velho “canudo”.

O mercado de trabalho está a mudar. A conclusão de uma graduação já não é nenhum escudo protector dos recém-diplomados contra o perigo do desemprego. Esta nova

geração precisa, evidentemente, de saber como actuar num quadro de crescente flexibilidade, insegurança, complexidade e de mudanças constantes do mercado de emprego. Parece inquestionável que, gostemos ou não, o mercado convencional de emprego está a desaparecer. Os jovens diplomados precisam de se dotar de novas armas, como a inovação e uma grande diversidade de competências. Precisam, cada vez mais, de pensar na criação do seu próprio emprego.

O fomento do espírito empreendedor é uma aposta clara na valorização do individuo através do desenvolvimento de uma atitude e postura dinâmica, que extravasa a mera criação de iniciativas empresariais. Um individuo com uma atitude empreendedora, com capacidade de detecção de oportunidades e de desenvolvimento de soluções com algum grau de inovação pode ser certamente um importante agente de mudança para a organização onde trabalhe, criando valor e sendo valorizado por isso. Este é um aspecto de vital importância, pois nem todos quererão ou poderão criar empresas. O desenvolvimento de uma atitude empreendedora pode fazer toda a diferença no mercado de trabalho e no desenvolvimento de iniciativas já existentes.

Torna-se, também por isso, obrigatório repensar a oferta e a organização educativa vigente, obrigando a escola a dialogar mais com parceiros privilegiados, como desde logo, as associações empresariais e os próprios empresários. É preciso abrir a escola a estes desafios, não apenas abordando conteúdos empresarialmente relevantes (ao nível da gestão, do marketing, dos recursos humanos, etc.), mas levando as turmas a visitar empresas, a discutir com empresários, a falar com jovens empreendedores e, de um modo geral, criando mais espaços de fruição circum-escolares que possam

constituir meios efectivos de enriquecimento social e pessoal. Alguns estudos concluíram que a exposição ao ambiente empresarial é um factor crítico que aumenta muito a probabilidade de os jovens encetarem projectos autónomos de negócio. O estabelecimento de vínculos entre as escolas, as empresas e a comunidade é, por certo, um elemento-chave para responder a este problema.

As instituições de ensino superior, enquanto organizações historicamente responsáveis pela formação de recursos humanos para a sociedade, vêm sendo, de certa forma instigadas, se não intimadas, a participar activamente das mudanças e processos sociais emergentes, como o do fomento do empreendedorismo. Existe, hoje, claramente, a percepção de que a sociedade está a pedir ao ensino superior muito mais do que a clássica formação de recursos humanos e a investigação.

Se era urgente desafiar as instituições portuguesas de ensino superior a repensarem as suas estratégias de forma a enquadrarem o fomento do empreendedorismo entre os seus objectivos de acção, importa fazer o sublinhado de que o IPCB soube estar à altura dos tempos e da grandeza dos desafios. Desde cedo, à semelhança do que sucedeu no contexto internacional entre muitas instituições de ensino superior de topo, assumiu o repto de desenvolver uma cultura de estímulo ao empreendedorismo, através da implementação de estratégias integradas de investigação, de revisão curricular, de renovação dos métodos de ensino/aprendizagem e de promoção de concursos de estímulo ao espírito empreendedor. Agora que comemora o seu trigésimo aniversário, essa aposta é já, claramente, um património de que o Instituto Politécnico de Castelo Branco se pode, e deve, orgulhar.